



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES
REVISTA

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

REVISTA

N.º 12 4.º Trimestre de 1969 e Janeiro de 1970

Director:

FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

Subdirector:

MANUEL MACHADO

Chefe de Redacção:

JOÃO ALFAIA

Assistência Artística:

MATTOS E SILVA

EDIÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DOS CTT

Rua Sinel de Cordes, 9, 1.º — Tel. 53 51 41 — LISBOA-1

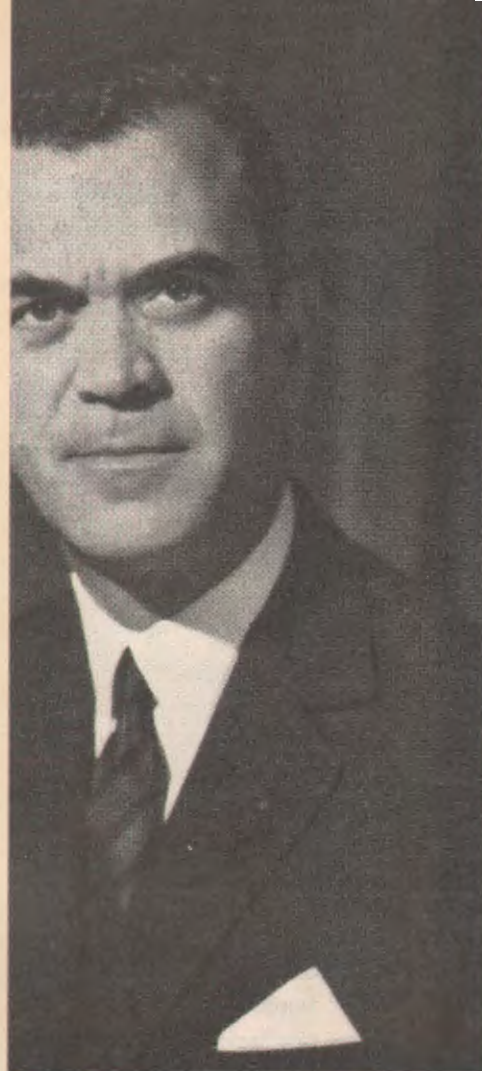
Composição e impressão:

Ramos, Afonso & Moita, Lda. — Lisboa

VER NESTE NÚMERO:

ENGENHEIRO RUI SANCHES — MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES ...	1
ENGENHEIRO OLIVEIRA MARTINS — SECRETÁRIO DE ESTADO DAS COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES ...	3
TRANSMISSÃO DE PODERES NO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES	5
ENGENHEIRO CANTO MONIZ	8
DOUTOR MELO E CASTRO	9
ENGENHEIRO AMARAL COIMBRA	10
DOUTOR DUARTE FAVEIRO	11
DOUTOR DIAMANTINO MARQUES	12
O NOVO SISTEMA DE VENCIMENTOS DO PESSOAL DOS CTT, por Nunes dos Santos	19
ASPECTOS HUMANOS DA EMPRESA DOS CTT, por José Machado	25
ALGO DE NOVO ACONTECEU ..., por Ramos Lopes	28
NOVO CONSULTOR ARTÍSTICO DOS CTT	30
DESENHAR UM SELO POSTAL, por Martins Barata ...	31
OS NÚMEROS E A ANALOGIA, por Eugénio Ferreira	32
SERVIÇO POSTAL MILITAR, por Ernesto Tapadas ...	33
REUNIÃO DE TRABALHO NA DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE CORREIOS	39
DESENVOLVIMENTO DAS TELECOMUNICAÇÕES ...	40
RECEPTÁCULOS POSTAIS, por Furtado Fernandes ...	41
XV CONGRESSO DOS ORGANISMOS TURÍSTICOS E CULTURAIS DOS CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES	44
AJUSTAMENTO DO PESSOAL AOS POSTOS DE TRABALHO, por João Machado	45
CONCEITO A REVER, por Veiga Lobo	48
PINTURA PORTUGUESA E SELOS POSTAIS, por Cunha Serrão	49
FUNCIONÁRIOS APOSENTADOS	52
O TELEFONE AUDIO-VISUAL	53
A PROFISSÃO E O DESPORTO, por Rodrigues Nogueira	54
FUNCIONÁRIOS DOS CTT DE PORTUGAL PREMIADOS EM BRUXELAS	56
— Artistas dos CTT	
RECREIO	57

CAPA DE: Grately — Sociedade Gráfica do Restelo, S. A. R. L. — Lisboa



ações e Transportes

lves da Silva Sanches é pelas suas inteligência, poder criador e capacidades mais vincadas personalidades do Governo do Professor Marcello Caetano

vital departamento das Obras Públicas de Subsecretário de Estado da inequívoco daquelas virtudes que, estadistas autênticos. Surgiu assim, cativa remodelação do Governo, a destacada, ainda, de Ministro coordenador de que depende, em grande medida: Obras Públicas e Comunica-



NOVO CONSULTOR ARTÍSTICO DOS CTT

A Mestre Martins Barata, aposentado por ter atingido o limite de idade, conforme noticiado no n.º 9 desta Revista, sucedeu ao cargo de Consultor Artístico dos CTT seu filho, o Arquitecto José Pedro Roque Gameiro Martins Barata, do qual tomou posse em 1 de Setembro de 1969.

Seguem-se algumas notas biográficas.

Contando 40 anos de idade, pois nasceu em 20 de Maio de 1929, tem desenvolvido uma intensa actividade profissional e artística desde a conclusão do curso de arquitectura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Como arquitecto trabalhou no Serviço do Plano Director de Urbanização de Lisboa, no Centro de Estudos de Urbanismo Duarte Pacheco e no Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra.

Como artista — filho e neto de artista — citam-se, apenas, os trabalhos executados para os CTT.

Pintou vários quadros para o Museu dos CTT, onde se encontram expostos, decorando,

um outro, o Gabinete de trabalho do Correio-Mor.

Colaborou com frequência na nossa actividade filatélica tendo desenhado os originais dos selos das seguintes emissões:

Padre Cruz (1960)

Centenário do Infante D. Henrique (1960)

Centenário do Santuário do Sameiro (1964)

Cinquentenário das Aparições de Fátima (1967)

Centenário de Pedro Álvares Cabral (1969)

Além disto, executou as ilustrações dos bilhetes-postais da série «Conheça as suas danças».

As provas dadas e o conhecimento profundo, que possui, das Artes Gráficas levam-nos à certeza duma colaboração altamente prestimosa.

Ao dar as boas-vindas ao novo Consultor Artístico, a nossa Revista completa a sua apresentação com a inserção, neste mesmo número, dum artigo da sua autoria.

DESENHAR UM SELO POSTAL

por J. P. Martins Barata
Consultor Artístico

COMO tantas outras coisas, é fácil compor um selo postal, se nos contentarmos com uma qualidade plástica e gráfica inferior: basta rapar de uma reprodução ou de um recorte do tema da emissão, pôr-lhe uma legenda à volta, a taxa a um canto, e recomendar à litografia que faça um trabalho limpinho e bem acabado. O sucesso é fácil e garantido, pelo menos em certos meios.

Mas, para desenhar um selo com qualidade, um selo que seja uma verdadeira obra de Arte, é preciso muito mais esforço e muitos mais cuidados.

Em primeiro lugar, o artista tem de pensar na *escala* do seu desenho. Um selo não é um cartaz ou um quadro feito ao tamanho de uma casa de bonecas — é em si mesmo um pequeno rectângulo de papel, que deve ser observado por quem escreve ou recebe uma carta. É para essa circunstância, e para a distância normal entre os olhos e o selo que de ela decorre, que este deve ser composto, — e não para ser observado à lupa. À lupa observam-no os técnicos impressores e os amadores mas não é para uns e outros (pequeníssima minoria...) que se fazem tiragens de vários milhões.

Depois, o artista deve ocupar-se da *legibilidade* do seu desenho. Mesmo quando os temas que lhe são dados o forçam a desenvolver um desenho muito pormenorizado (por exemplo, — um tema heráldico), o desenho terá de ter suficiente claro escuro e linhas mestras de composição suficientemente fortes para que, de um relance, os olhos apreendam a essência do que é figurado.

Repare-se, depois, na dificuldade que consiste, para o Artista, em obter uma clara imagem — simplificada, elegante e incisiva — quando lhe são dados certos temas, sobretudo temas abstractos. Quando ao artista se pede que componha um selo com a efigie de determinada personalidade, ou um edifício, ou um emblema, o problema é relativamente fácil; o elemento inicial é objectivo e defi-

nido. Mas imagine o leitor que lhe davam como tema «o avanço da ciência», ou «a expansão do espírito europeu» ou a «concepção da geometria n-dimensional»!...

Aos problemas próprios do desenho de um selo juntam-se os do desenho de uma série. Aí, o artista tem de lembrar-se de que o selo é antes de mais nada, a prova do pagamento de um serviço a prestar, e é vendido em inúmeros balcões e «guichets» em quantidades fabulosas. É pois necessário que as várias taxas da mesma emissão tenham cores dominantes e composição suficientemente diferentes entre elas para evitar prejudiciais confusões.

Supondo que todos os problemas que se assinalaram foram convenientemente resolvidos pelo artista, resta ainda a este resolver os problemas próprios da tecnologia gráfica. Um original não pode ser indiferentemente preparado para a nobre reprodução em «talhe-doce», a rica heliogravura, ou o práctico «off-set» e fotolitografia.

Ainda por cima, nem sempre o artista é inteiramente livre, por razões de vária índole, nomeadamente económicas e fabris, na escolha do processo a utilizar. O processo é, pois, mais uma limitação ao artista.

Resulta claramente do enunciado de todas estas exigências impostas ao desenhador de selos, que a hipótese de se conseguir um resultado aceitável por meio de um concurso é a tal ponto fugidia, que praticamente foi abandonada por todas as Administrações.

Exige-se do artista uma tal soma de conhecimento e de «prática» lentamente adquirida, que é reduzido o número dos profissionais aptos a fornecer, dentro do prazo, sem surpresas nem erros fundamentais, os originais para uma emissão. Isso não significa que eles sejam os melhores artistas do País, mas sim aqueles que, no campo específico do desenho postal, podem, com maior autoridade resolver aquelas complexas exigências acima indicadas.